

INAUGURA-SE NO DIA 19 A NOVA USINA

HIDROELÉTRICA DE AMERICANA

Presidência e economia e Governador Adornes de Barros

Inaugurou-se no período dia 19 a nova usina hidroelétrica de Americana, denominada pelo Comendador Paulo de Faria... A inauguração está presidida pelo Governador Adornes de Barros...

VAMOS TOMAR PROVIDÊNCIAS?

Não é de hoje que a imprensa brasileira, em diário ou jornal, vem tratando com interesse os assuntos que dizem respeito ao desenvolvimento econômico do Brasil...

EDUCAÇÃO E CULTURA

Quando a imprensa amanhã na America

Na América, a imprensa, a cultura, a educação, a ciência, a arte, a literatura, a música, o teatro, o cinema, a televisão, a rádio, a imprensa amanhã na America...

DR NELSON FERREIRA

Clínica de Adultos, Rua Augusta, 119 - Fone: 2-1381 - PRHAL

DR NELSON FERREIRA

Clínica de Adultos, Rua Augusta, 119 - Fone: 2-1381 - PRHAL

Fôgões ETERNO

Oferta Especial da LOINHA DO JANNINI

Oferta Especial da LOINHA DO JANNINI

Colégio Estadual e Escola Normal Cardal Lacerda

Colégio Estadual e Escola Normal Cardal Lacerda

AMÉRICA

AMÉRICA

AMÉRICA

AMÉRICA

AMÉRICA

AMÉRICA

FABRICA DE ARTES

FABRICA DE ARTES

DR. JOSE DE MENEZES

ESCRITÓRIO DE REPRESENTAÇÕES

A RADIOTON

HENRIQUE NUNES SOBRINHO

Av. Oliveira Malta, 119 - PRHAL - Est. São Paulo

PUBLICAÇÕES OFICIAIS

Câmara Municipal

Câmara Municipal

AMÉRICA

Adquirir na CASA SELLITO todos os artigos de seu estoque para as festividades do gosse de bonificação de 10, 15 e 20 % em mercadorias de sua escolha, porém, nas compras feitas exclusivamente a dinheiro!
A tradicional CASA fica bem no coração da Cidade!

A LENDA DAS AMORAS VERMELHAS

“O Estado de São Paulo” publicou em sua edição de 30-9-49, com o título supra, um escrito assinado por E. M. B. K.

Ao ler essa publicação, lembrei-me ter visto a mesma lenda nas Metamorfozes de Ovidio, poeta do tempo de Augusto e autor dos Fios, da Arte de amar, além de outros livros.

Hoje pode ser lido em português, pois Antonio Feliciano de Castilho — o Ovidio Português — traduziu-lhe todas as obras em versos imortais. Infelizmente não é possível encontrar hoje as traduções feitas por Castilho, muitas estão esgotadas e as poucas que se podem adquirir de algum bibliófilo custam uma pequena fortuna.

A lenda das amoras vermelhas foi traduzida por Bocage, o maior harmonioso poeta da língua portuguesa, e incorporada por Castilho na sua versão das Metamorfozes, que assim se referem a Elmano: “As fábula, que traduzo, não era possível, a quem quer que fosse, dar-na-las, nem mais fiéis, nem mais elegantes. Tomei-me, pausadamente, o pulso a mim mesmo, e reconhecendo, que para o igualar, não ficariam, ingenuamente, as forças; asseeti-me a tomar dele quanto era feito, e, dando um documento, não duvidoso, de sincera humildade, encorporei-a na minha obra; e assim o fiz; não foi contudo a referência do seu nome tão poderosa, para comigo, que, onde em tendi carecer de emenda, lá não desse: e não foram essas correções poucas, nem muitas vezes, de leve momentos.”

Enfim, foi para mim uma ocasião de referir as famosas fábulas de Ovidio, e principalmente a lenda das amoras vermelhas, magistralmente vertida por Bocage. Para que os leitores conheçam certos harmoniosos do poeta, aqui transcrevo a versão portuguesa, acompanhada do escrito de E. M. B. K.:

Tiabe, criatura de encantadora beleza, amava apaixonadamente o jovem e formoso Piramo.

Mas... o destino cruel fizera com que as suas famílias se odiassem até a morte.

Erasm vizinhos, morando pois, quase sob o mesmo teto, mas a malquerença implavável dos seus pais não permitia que se encontrassem.

Nada porém conseguia abrandar aquela paixão transbordante, e os dois jovens não se podendo ver, trocavam as suas ternas jura-

de amor, através de uma fenda que havia numa das paredes de seu lar.

Uma noite, Piramo segredou ao ouvido de sua amada: — “Tiabe, encanto de minha vida, sonho de minha alma, se é verdade e não quimera o teu amor, espera-me amanhã debaixo da amoreira branca, para combinarmos a nossa fuga e o nosso casamento.”

— Sim, luz dos meus olhos, éen dos meus encantos, lá estarei — respondeu ela, num sussurro.

No dia seguinte, mal à aurora abriu as portas do dia com os seus dedos cor de rosa, lá estava Tiabe à espera do seu bem amado. Mas ele tardara, e lá, enquanto o aguardava ansiosa, presentiu a vinda de uma leão e, amedrontada, fugiu com tanta precipitação que deixou cair o seu lindo véu.

A fera chegou esfaimada, agarrou-o com fúria, fez-lhe em farrapos deixando neles manchas de sangue, que escorria de sua poela negra. Depois, não conseguindo encontrar um ser humano para satisfazer a sua sede, abandonou-o stio.

Momentos após, Piramo chega à sombra da amoreira, trazendo na mão nos olhos o sonho na alma. Mas... deparando com os restos do véu da sua amada Tiabe e, imaginando que ela havia sido devorada pela fera, sente o coração esmagado por trementidos.

Desesperado, não podendo fazer, e não resistindo à perda de tão grande amor, procura o consolo na morte, transpassando o peito com a adaga.

Quando Tiabe voltou do lugar onde se escondera, encontrou o seu bem-amado esvaindo-se em sangue e, vendo o seu véu extrañalho, compreendeu que se suicidara por seu amor, julgando-a morta.

Desvarada, alucinada no desespero de ter perdido para sempre tom-lhe a cabeça entre os seus braços, procurando aquecê-lo com suas carícias. Mas, succumbindo, compreendendo que não há mais esperança de fazê-lo tornar à vida, pálida, tremulã, toma a espada de Piramo ainda quente e lança-a ao longo do véu, com a tra si, mergulhando a ponta no seu coração combalido, e colocando à dele a sua boca ardente, recebe, ainda, o seu ultimo suspiro, dando morte ao corpo do seu bem amado.

Desde então, as amoras tintas do seu sangue, perderam a cor branca...

Piramo, singular entre os manebos. E Tiabe, superior a um formoso. A todas as donzelas do Oriente, Tinham contiguas as mordidas suas. E onde se fôra que de ingentes muros Semiramis cingiu alta cidade.

A amor a vizinhança abriu carnição; Nêta foi com a idade amor crescendo; E unirse em doce nô votaram ambos; E que injulatos os pais não permitiram. Em vivo, igual desejo, os dois ardendo, Que isto os pais evitar-lhes não puderam, Sem confidante algum, só por aceros.

Por sinais se entendiam, se afastavam; Quando amor se recata é mais alto. Parede, que os dois laras dividia; Estagada estava donna tempo fãbre; Desde o tempo, em que foram fabricados: E não se lembra a idade do amor. Mas que não sente amor, que não descobre? Vos, amantes fiéis, vos, o notastes; E d'ale se valeu sagaz leonina.

Souza por ali passar sem medo Brandas flozes em murmurio brando: De uma parte o manebos, a Tiabe de outra; Prestando, unicamente, e recebido Seu hulto amoroso, assim carpiam: Anceozos parede, a d'os amantes. Porque, porque te opes? Tu, ah! que importava, Que perfoita unio não consabes! Ou se isto é muito, os meus fratres; Aos ocultos de amor logar bastante! Mas, não somos injulatos, confessamos, Que os nosos corações a si dovem. Devo conversação, que os desfogam.”

Separados, assim, e em vão diziam. Dando um saudoso adeus, já quase à noite, Ao partir, cada qual suave veio. Na parede insensível empregava. Nem que o termo nenhum chegar pudesse. Amora o ditigiu o pensamento.

Um dia quando rota o seu noturno, Tiabe sente os lumes da serena aurora. Desamando nos céus a luz dos astros, E febo com esse rio a secando. Sobre as arvas outo a frio orvalho. Ao olhar do costume os dois volveram.

Depois de mutua mente se abraçarem. Da pesada oppressão que os constrangia, Com sua cistela ainda, em tom mais balido Conectam entre si, que em vivo a noite. Haviam de ludir os pais e os servos, De seus laços ligados, a dia e noite. Que, por não as préderem, vauqueando Pelo campo espacoso, ao pé da antiga Sepultura de Nino ambos pararam. E Tiabe a sombro de arvore frondosa: Estava arvore, que ali ao ar se erguia, Carregada de fructos, e de flores. Então da cor da neve até maduros. Era a grata arvore; a mena fonte Perveeva junto de lá, chã regava. Quidrou o ajuste; e as sentenças ondas Chacando todo o sol para os amantes, E dando o sol cinto a Tiabe a noite. Alçada occidido, por entre as sombras

Tiabe astuta dos portos volta a chave. Erguoa os seus pés cobrindo o rosto. Caminha assim o tumulto de Nino; Chega, e debaixo de arvore so assenta. Davo amor ossado, lá dá mroca. Eis que feroz leão, ensanguentado De recente matança a boca empome, Assoma, e vem deopar lá fozes a sede. Porque o pieno luar cobria o campo. A vé, ao longe, a baobábia Tiabe; E com unidos pés em gruta umbrosa Vai sumir-se correndo, e palpitando; E na carreira o véu lhe cai por terra. Depois que o torvo bruto se sede ardece Nas agnas apuradas, tornando nos bosques. E o sollo véu sem fôrça, e sem fôrça. E no sangunido tento o despedaçes. Piramo que do lar saiu mais tarde, Que de seu arvore, a luz de ferra, E de ferra no chão pegadas nota, Descorrendo, estretime, e linto em sangue, Acha o cadô véu — Numa só noite. Diz ele, dos amantes se perderam! Perdeu-se a beza, a triste, a desgraçada. Que de longa existência em tão digna! Eu fui tme toda a culpa; e eu, miseranda. Eu tive todo o matou; fui, quem te disse. Que, de noite, que, só, te advertissas. A um erro lung, tão pavoroso; E para te acudir, não vim primeiro. Descarrei este corpo aborinavel; Deverei-me estas bárbaras entranhas. O leões, que jazes por estas covas. Mas chama pela morte é só dos fracos.

Já de terra levanta o véu de Tiabe. E com ele nas míos, demanda já sombras Da amoreira, lugar do termo ajado. Cobrindo-o de lá de larmas, e de fôrça. O meu sangue, he diz, também te regue. Recebe, ó triste véu, também meu sangue. — E salido despido o ferro agudo. Que ao lado lhe pendia, em si e embebe: Da ferida mortal o extrai, o arranca. E de costas no chão debruça a vida. Pelos arcos com ímpetu repulsa. O sangue em purpuras espandias; Tal de como o chão debruça o cano. Roto do tempo, conta o céu d'arreja De agnas sororas remessas lungas. De ramos amarelos e ávidos fructos. Pela rubra corrente rociados. Em triste, negra cor a antiga mudos. E o sangue a rãz ambedida. Logo á amoras purpura o sumo.

A fábula de Piramo e Tiabe continua ainda, versado de Bocage, por mais 35 versos, descrevendo o sepulchro do amante.

Eis os últimos versos: “Contudo os céus e os pais se enterreceram. Nos ramos da frondosa arvoreinha. Quando maduro está, negreia o fruto; E a lectinosa, paternal pleide. Guardou nunca o úm as cinzas de ambos.”

Pinhal, 7-11-99



L. MARQUES JUNIOR

A RADIOTON convida a Sociedade Pinhalense para uma visita às suas oficinas de consertos e montagem de receptores e, ao mesmo tempo, para conhecer os mais modernos aparelhos STARLIGHT e DOUGLAS. Muito grato, ficará, com presença de todos... Pinhal, 13-11-1949. -- Avenida Oliveira Mota, 119.

SORSAIS

NATALICOS

FAZEM ANOS: JOË: as sras.: Carmen Mota Salveiti, esposa do sr. Olinto Salveiti; Benedita Bueno; a sra. Maria da Conceição L. Ribeiro; a menina Elizãe, filha do sr. Julio Pacheco Dutra; as sras.: José Eduardo Verqueiro, Omar F. A. Marques.

FARÃO ANOS

AMANHÃ, as sras.: Malilde Hebe L. Mendes Silva, esposa do sr.

Carolina Supécia Mendes Silva, Aneliza Alcântara Golegale, esposa do sr. Manoel Gonçalves Nêto; a sra. Leda Brito Leão; o sr. Alberto Edmundo Baldassarri.

DIA 15: a sra. Lúlia S. Pavesti, esposa do sr. Gilberto Pavesti; a menina Edna Mary, filha do sr. Bruno Bernardes.

DIA 16: a menina Helena, filha do sr. Agenor Conz; o sr. Pedro Mansi.

DIA 17: a sra. Tereza S. Planamonte, esposa do sr. Gabriel Piberny; as sras.: Samira Jaguar e Maria Angela Lomanno; a menina Mariana Aparecida, filha do sr. Santo Ferrari.

DIA 18: a sra. Hermengarda Brito Leme, esposa do sr. Jaime da Silva Pereira Leme; as sras.: José Ferreira Damão, Máximo Peres, Jacob Pereira da Silva.

DIA 19: a sra. Hermilina Conz Lima, esposa do sr. Eduardo O. Lino; a menina Ariete, filha do sr. Paulo Pacheco Dutra; os jovens: Wilson, filho do sr. Martiniano José de Moraes; Alberto, filho do sr. Antonio F. Mezzanese; os sras.: Jorge Damas, Sistiêio G. Amado, Ido Guimarães.

BODAS DE PRATA: Transcrescer no próximo dia 19, o 25.º aniversário de casamento dos nobres prezados senhor, sr. Francisco Bueno dos Reis, prefeito municipal de Pirajal, e sua esposa, senheira de Pirajal, e sra. Lazinha Worms Bueno, filha do saudoso sr. Jacob Worms Junior.

As bodas do distinto casal levarão a sra. Lúlia Hosi Mendonça a ser bem assim a veneranda senheira Alice de Moraes Pereira, companheira inseparável daquele lar venturoso.

BATINADO: Foi levado a pia batismal, domingo último, o parvulo Décio, filho do Sr. e Sra. Décio Menezelo, servindo de padrinhos os seus avós paternos sr. e sra. Lúcia Menezelo e os seus avós maternos sr. e sra. Pedroso Ramos, residentes em meiras.

BATINADO

Está em festas o lar do sr. Renato Trêli, co-proprietário da Farmácia São José, com o nascimento de um robusto menino, cujo nome foi escolhido pelo sr. José Ramos e filha do Sr. e Sra. Pedroso Ramos, residentes em meiras.

Sarah C. Lira

professora de piano formada no Conservatório Dramático e Lyrico de São Paulo, Leciona principiantes e prof. a alunos para qualquer nível do Conservatório. R. Emerendana Leite, 136 - Tel. 11-11-99